



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANNYHELLEN PENHA GALDINO DA SILVA

UMA ERA DIGITAL: O CIBERFEMINISMO NO INSTAGRAM

GUARABIRA
2024

ANNYHELLEN PENHA GALDINO DA SILVA

UMA ERA DIGITAL: O CIBERFEMINISMO NO INSTAGRAM

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Susel Oliveira da Rosa

GUARABIRA
2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Annyhellen Penha Galdino da.
Uma era digital [manuscrito] : o *ciberfeminismo* no *instagram* / Annyhellen Penha Galdino da Silva. - 2024.
35 f. : il. color.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Departamento de História - CH".

1. Instagram. 2. Ciberfeminismo. 3. Mulheres. 4. Feminismo. 5. Ativismo digital. I. Título

21. ed. CDD 305.42

ANNYHELLEN PENHA GALDINO DA SILVA

UMA ERA DIGITAL: O CIBERFEMINISMO NO INSTAGRAM

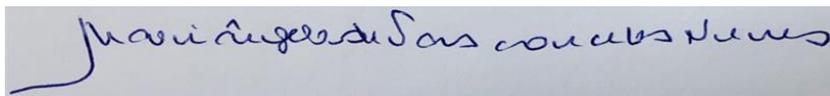
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Aprovada em: 14/11/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes (Examinadora 1)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Jaqueline Gonçalves Araújo (Examinadora 2)
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Dedico à criança que eu fui um dia e que
sonhava em se tornar professora.

AGRADECIMENTOS

A licenciatura em história me abriu portas e caminhos que eu jamais pensaria em alcançar, mesmo sonhando desde criancinha. “Gratidão” define toda minha trajetória, tanto pessoal como acadêmica, minha fé e minha força de vontade me acompanharam até aqui. A todos os docentes que, mesmo sem saber, me incentivaram a continuar, cada comentário afetuoso em provas e artigos e a cada abraço aconchegante que recebi durante o curso, foram essenciais. Obrigada a todos esses docentes profissionais e humanos, levo todos em meu coração e em minha memória.

À minha orientadora Susel, agradeço de coração por todo afeto trocado em aulas e por todo aprendizado. Não posso negar que admiro muito a mulher, historiadora, professora e grande amiga que és. Desde o primeiro período da universidade te observava passar pelos corredores e almejava compartilhar conhecimentos contigo. Obrigada por toda paciência e por todos os aprendizados adquiridos até aqui, foram ótimas memórias construídas.

Agradeço a minha mainha Luciana Galdino, ao meu painho Avanildo Claudino e meu irmão Annyhellison José, vocês foram os únicos que nunca tentaram mudar minha rota, nunca tentaram mudar meus pensamentos sobre a licenciatura e isso me fez permanecer firme mesmo quando tantos outros falavam o contrário. Vocês me deram a vida e me presentearam com a vontade de viver. Vocês são a minha base e o meu sustento, se eu não desisti de tudo foi para não ver lágrimas caindo de seus olhos. Como dizem “engole o choro e segue firme” e por muitas vezes o fiz. Em outras, não consegui contê-lo. Apesar das circunstâncias, me mantive firme e também foi graças a vocês. Obrigada por tudo. Foram tantas coisas que não caberia em outras tantas laudas de agradecimentos. Às minhas irmãs “Winx’s”, desde o ensino médio traçamos caminhos distintos, porém fico feliz que isso nunca tenha alterado nossos sentimentos. Vocês conhecem toda a minha trajetória e vida e mesmo assim decidiram nunca soltar minha mão. Obrigada por toda irmandade entre nós, vocês são além de amigas, são minhas irmãs. Às minhas amigas “Galera mulheres”, vocês não poderiam faltar aqui, obrigada por me acolherem tão bem nos períodos pós pandêmico, vocês foram meu alicerce para finalizar este curso. Obrigada por tanto amor, carinho, amizade, reciprocidade, conselhos, abraços e tantas outras coisas que fizeram me sentir amada e querida entre vocês, que essa união seja além da universidade, a vocês dedico todo o meu amor por mulheres igual vocês, tão fortes.

Meu queridíssimo e amado esposo, é assim que nos chamamos para os terceiros. Obrigada por sempre depositar confiança em mim e em tudo que eu faço e pretendo, mesmo quando eu descredito da minha capacidade você sempre está por perto me motivando a seguir em frente. Sobre você, eu passaria milhões de folhas digitando tudo de bom que você é, e me proporciona, porém deixo registrado aqui que você é essencial na minha vida e em toda minha trajetória. Obrigada por toda paciência, por todo carinho e amor nos dias mais turbulentos. Você tem uma parte de mim que ninguém mais possui.

Ao meu mais novo presente, minha querida filha Hellen. Você chegou nesta reta final da minha trajetória acadêmica. Meu coração se enche de alegria em saber que estou gerando o fruto de um amor de infância. Saiba que toda a luta foi sempre por você, mesmo antes de você existir. Não vamos parar por aqui, você e eu vamos traçar novos caminhos juntas. Você será minha força e minha motivação para continuar firme. Não pensei que você estaria dentro dos meus agradecimentos, mas como é bom ter você aqui. Obrigada por me proporcionar emoções que eu jamais sentiria na vida. Obrigada por me proporcionar vivenciar seus avós, seu tio e sua bisavó babando por você mesmo antes de te conhecer, você é minha luz, a resposta de muitas orações.

Logo, agradeço às mulheres que aceitaram compor a minha banca examinadora. Vocês são tão essenciais neste percurso quanto todos os outros que cruzaram meu caminho, obrigada pela dedicação e pelo tempo atribuído a esta pesquisa, a vocês mulheres, pesquisadoras, meu mais sincero agradecimento.

Agradeço também, as muitas pessoas que fizeram parte da minha caminhada e agradeço a cada uma que dispôs de seu tempo. Abraço o afeto para consolar meus dias tristes. Apesar de ser uma mulher afetuosa, que leva muita gente querida no coração, uma das mulheres que mais me manteve firme e que lutou contra todos os seus medos para continuar, e que eu não poderia deixar de mencionar aqui, é eu mesma. Agradeço a Annyhellen criança que enfrentou suas batalhas mais dolorosas sozinhas por medo de prejudicar a vida de alguém. Agradeço a Annyhellen adolescente que sempre prezava pela felicidade alheia esquecendo-se da sua e onde os cenários de uma Annyhellen criança se repetiram. Obrigada!

A Annyhellen de 23 anos atualmente, mesmo em sua idade tão jovial, que consegue enxergar os perigos da vida e dar limites aos mesmos, vocês não desistiram e me fizeram mais forte hoje e por isso este trabalho se transcorre sobre mulheres, pois nunca conheci um ser tão forte quanto uma mulher, que mesmo em seus piores

momentos travam batalhas árduas que muitas vezes enfrentam sozinhas. A todas as mulheres, o meu profundo reconhecimento da força que nós possuímos. “Aguarde. Confie. Faça sua parte. Você descobrirá seu próprio caminho.” (Estes, 1994, p. 143).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Publicação sobre o 8M	16
Figura 2: Charge referente ao dia das mulheres	18
Figura 3: Publicação sobre Marielle Franco	19
Figura 4: Sobre a igualdade de gênero	21
Figura 5: Publicação sobre a lei da violência de gênero	22
Figura 6: Vídeo sobre o caso da cantora Iza	23

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	13
2. O CIBERFEMINISMO E O ATIVISMO DIGITAL PRESENTE NO INSTAGRAM	17
2.1 CIBERFEMINISMO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO PRESENTE NO INSTAGRAM	25
3.DEBATE SOBRE “RACISMO GENDERIZADO” NO INSTAGRAM.....	29
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	36

RESUMO

O intuito desta pesquisa se prontificou em analisar, dentro de um mundo totalmente virtual, a atuação das mulheres na rede social do instagram visto que neste meio virtual há variadas formas de representação das mulheres. A escolha de representação feita aqui se torna essencial nesta pesquisa já que as ciberfeministas conseguem ampliar o conhecimento sobre e para as mulheres através de páginas do instagram, como a comunidade do @planetaella. Dessa forma, o trabalho envolve as relações midiáticas femininas em redes de compartilhamento ao público onde por conseguinte é possível analisar como essas relações interferem na vida das mulheres ativistas. No decorrer do processo é possível verificar como este ciberfeminismo atua dentro da rede social instagram e como o seu alcance é importante para um sinônimo de coletividade amplo que torne este movimento aconchegante a todas as mulheres. As mídias sociais atualmente, principalmente o instagram, são grandes perpetuadores dos abusos e violências de gênero, logo pontuar isto de forma a evocar vozes femininas dentro da internet é fortalecer o movimento ciberfeminista. Além disso a mídia é total mediadora do que acontece no mundo contemporâneo, toda e qualquer notícia atual está sendo publicada em páginas do instagram e sendo compartilhada, comentadas e curtidas pelo seus seguidores, o debate sobre “racismo genderizado” é extremamente importante para rever conteúdos que retratam um feminismo ocidental excludente.

Palavras-chave: instagram, ciberfeminismo, mulheres, feminismo.

RESUMEN

El propósito de esta investigación fue analizar, dentro de un mundo completamente virtual, el desempeño de las mujeres en la red social Instagram, dado que en este entorno virtual existen diferentes formas de representación de las mujeres. La elección de la representación aquí realizada se vuelve esencial en esta investigación, ya que las ciberfeministas logran ampliar el conocimiento sobre y para las mujeres a través de páginas de Instagram, como la comunidad @planetaella. De esta manera, el trabajo involucra las relaciones femeninas con los medios en redes públicas de intercambio donde, por lo tanto, es posible analizar cómo estas relaciones interfieren en la vida de las mujeres activistas. Durante el proceso, es posible comprobar cómo opera este ciberfeminismo dentro de la red social Instagram y cómo su alcance es importante para un amplio sinónimo colectivo que haga que este movimiento sea acogedor para todas las mujeres. Hoy en día, las redes sociales, especialmente Instagram, son los principales perpetuadores del abuso y la violencia de género, por lo que resaltar esto de una manera que evoque las voces femeninas en Internet está fortaleciendo el movimiento ciberfeminista. Además, los medios de comunicación son un mediador total de lo que sucede en el mundo contemporáneo, todas y cada una de las noticias actuales se publican en páginas de Instagram y sus seguidores las comparten, comentan y les dan me gusta, es extremadamente importante revisar el debate sobre el “racismo generizado”. contenidos que retratan un feminismo occidental excluyente.

Palabras clave: instagram, ciberfeminismo, mujeres, feminismo.

1. INTRODUÇÃO

Quando adentramos no mundo das redes sociais e das mídias digitais, algumas questões ressoam desse vasto campo da tecnologia, como por exemplo, o que significa abuso de gênero nesse contexto?

Identificar essas conexões em uma era digital é primordial para entendermos os discursos de caráter político e social que as redes sociais podem abranger, já que uma grande parte da população,¹ principalmente os jovens, compõem cerca de 92% de usuários que acessam a rede pelo menos uma vez ao dia. Se apropriar das postagens e publicações tecendo olhares críticos as mesmas é essencial para uma construção de uma consciência histórica florescente, principalmente das mulheres, impostas neste ciberespaço, que são o sul desta pesquisa.

No entanto, o instagram denominado como rede social emergente contemporânea é utilizada por variados e quantitativos grupos de pessoas com interesses diversos. A etimologia da palavra “rede” ocorre através dessa ligação de pessoas conectadas em um único meio digital ao qual estão interligadas aos acontecimentos cotidianos. Logo, é possível notar que o mesmo é uma plataforma de interação social ao qual agrupa interesses e favorece a comunicação de indivíduos distintos a longa distância. O feminismo é um intenso movimento² de luta das mulheres através dos tempos, consegue a partir do instagram, potencializar seus interesses com uma perspectiva interativa das redes sociais havendo um redirecionamento dos espaços de luta.

Com isso é intensificado a atuação das mulheres em ambiente virtual, transportando uma parcela dos movimentos sociais organizados presencialmente para o ciberespaço e suas ramificações, o que é denominado de Ciberfeminismo. O que se percebe é que essa nova forma de organização permite às páginas do instagram direcionam seus conteúdos para as mulheres feministas, páginas que são espaços dessa resistência feminina. Assim, faz-se importante que suas ações sejam, na prática, mais fluidas e inclusivas onde a transmissão de seus discursos virtuais sejam mais recorrentes

¹ Dados do ano 2024 disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/#:~:text=O%20Brasil%20C3%A9%20o%20%2%C2%BA,menos%20uma%20vez%20por%20dia>. Acesso em 08 de Abril. 2024.

² O feminismo enquanto movimento possui quatro ondas que classificam os momentos da luta das mulheres e é essencial para compreender seu processo até os dias atuais.

e abrangentes, problematizando questões intrínsecas às mulheres e alcançando um maior público.

Ao analisar o instagram e o ciberfeminismo como pontos conversantes de um discurso, é indispensável pensar em quem perpetua esses discursos dentro das mídias. Diversas são as páginas que realizam postagens referentes à luta cotidiana das mulheres, uma delas é encontrada no instagram como @planetaella e que desde seu surgimento vem discutindo questões cotidianas que mulheres de vários grupos enfrentam, extraindo as experiências individuais e posicionando as mesmas como experiências coletivas abertas ao público com o intuito de incluir e tornar conhecido determinados conceitos, frases, datas, acontecimentos e entre vários outros tópicos que a comunidade aborda.

Nessa perspectiva, trabalhar com redes sociais, instagram e ciberfeminismo envolve o discurso sobre o algoritmo que é uma parte das redes sociais onde a interação entre consumidores se torna mais abrangente. Dentro da ordem da matemática o algoritmo seria uma “sequência finita de operações para atingir um resultado”, quanto mais um assunto é pesquisado dentro de seu perfil, mais conteúdos referentes a isto atingirão sua experiência virtual.

Assim, é notável que o instagram adota uma medida de *hashtags*³ agrupando inúmeros conteúdos ao qual uma determinada pesquisa faz referência. Em determinadas situações dentro dessas experiências digitais quando se refere a lutas sociais como o feminismo nas redes sociais e em concordância com Araújo (2016), o meio digital mostra-se fruto de questionamentos históricos.

Sabendo deste método usado pelos apetrechos de mídias sociais e retomando a questão inicial deste trabalho, resta a seguinte indagação: como estes algoritmos influenciam as pesquisas quando se trata dos abusos e violência, e seu provável silenciamento, dentro destas redes? Como a produção historiográfica adentra nestes meios como uma forma de conteúdo de resistência, principalmente referente a produções sobre os abusos e violências de gênero?

Nesse sentido, a proposta de analisar o instagram como sendo um apetrecho perpetuador dos abusos e violências de gêneros é necessária para compreender questões que permeiam a história da luta contra os abusos de gênero no Brasil. Determinados

³ Palavras marcadas com o símbolo “#” (cerquilha). Elas servem como agrupadoras de publicações sobre um assunto específico e contêm um link para uma página sobre o tópico no Instagram. Informação disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/como-usar-hashtags-no-instagram-o-que-e-pra-que-serve-e-onde-colocar/>. Acesso em 21 de Abril. 2024.

estudos como o de Judith Butler no seu livro “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade” revelam a construção histórica sobre o corpo feminino onde o mesmo demonstra como se o “ser mulher” caminhasse por um sentido único, uma linha tênue.

Posto isso, a manifestação desta atribuição à mulher, onde apresenta hierarquia e desigualdade de gênero, reflete em uma contemporaneidade com pressupostos materialistas em torno da mulher, e de sua estatura, sendo essas as principais vítimas dos abusos de gênero de todas as categorias, especialmente nas redes sociais. Com a eclosão da internet e precisamente dos meios de comunicação social que compartilham entre seus seguidores variados conteúdos de forma desobstruída esses movimentos que colocam a mulher como inferiores a figura masculina continuam sendo partilhados de forma infundada que incentivam ações machistas em torno dessas mídias e que refletem no convívio presencial de cada indivíduo.

Em contraponto, usar e analisar este meio social como uma forma de resistir a essas eclosões que representam e retratam a misoginia presente na internet, é uma maneira de manifestar e incluir ideais feministas e de lutas distintas, que muitas vezes são deixados à margem da sociedade.

Com isso em óptica, o presente discurso visa pontuar a ascensão do feminismo dentro do espaço virtual, o ciberfeminismo, enfrentando ondas de discursos de ódio dentro da mesma plataforma, como modo de resistir e mobilizar-se ativamente contra essas oposições e ameaças, sejam elas de caráter político, cultural, social ou de forma presencial ou virtual.

Explorar a resistência feminina contra esses abusos de gêneros propagados pelas mídias é usar criticamente e historicamente estas discussões em pauta como hábito de luta e difusão das mesmas e é necessário. De acordo com uma página do instagram @contra_assédio, devemos ser “o grito das que não estão mais aqui”.

Assim, diante da particularidade com a rede social aqui explicitada, a pesquisa se debruça em desmistificar a ação que inferioriza as mulheres, através de comunidades misóginas que fomentam as discussões sobre a hierarquia e desigualdade de gênero, que favorece e expõe os discursos sobre o gênero masculino como superior a todos e tudo. Esta eloquência dos discursos ocorre também por hashtags como #movimentoredpill onde conteúdos publicados visam à depreciação significativa da figura feminina e obtendo como resposta outros inúmeros seguidores que são forças e que por meio de reportagens, comentários e curtidas, autorizam essas opiniões. Desse modo, como

aponta Bianchi (2018), há uma visão da mídia como mantenedora de uma ordem de dominação masculina.

Assim abordar questões que envolvem as mulheres dentro de uma das redes sociais mais influentes atualmente (instagram) nasce de uma série de questionamentos sobre como é ser mulher dentro destes meios, já que a experiência de uma sociedade pode-se dizer presencial e palpável, revela a figura de uma mulher que ao tecer críticas referente e contra figuras masculinas pode ser silenciada drasticamente.

Ser mulher em ambiente virtual não chega a divergir muito do corpo a corpo, pois mesmo que os ambientes cibernéticos tenham uma ideologia de ser livre para falar, ouvir, escutar o que lhe for favorável, existem pautas que impossibilitam as mulheres de transgredir neste meio e questões que permeiam entre determinados indivíduos sobre essa hierarquia de gênero, inferiorizando, objetificando as mulheres e favorecendo as desigualdades presentes.

Explorar este espaço virtual como fonte de uma resistência feminina atual sobre o sexismo, presente em cada atualização do feed do instagram, tem ganhado espaço dentro de uma experiência de mulher, e digo na minha particularidade de sujeita feminina que um dia foi reclusa a qualquer postagem acerca do assunto e apropriando-se desta escrita para um reconhecimento e resistência a essa constância de distribuições de informações vazias que inferiorizam as condições de ser mulher.

2. O CIBERFEMINISMO E O ATIVISMO DIGITAL PRESENTE NO INSTAGRAM

É necessário compreender o que é e como atua o ciberfeminismo que está interconectado com os abusos de gênero e as mídias sociais atuais. A princípio, o ciberfeminismo é um movimento que está em constantes mudanças desde a primeira aparição do termo e que está diretamente ligado ao conceito de ciberespaço e cibercultura:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 22)

Os conceitos de ciberespaço e cibercultura estão intrínsecos entre si, assim como o ciberfeminismo que vem nas entranhas destes termos se apropriando deles para reivindicar as causas feministas nos espaços sociais virtuais, o que antes acontecia em manifestações, encontros e debates presenciais, hoje ocorre com ainda mais força de difusão pelas redes sociais.

Abordar o feminismo nas redes sociais, principalmente no locus desta pesquisa que é o instagram, é disseminar os ideais feministas para os consumidores da plataforma através de organizações políticas, postagens informativas, vídeos publicados e com tudo isso sendo passados de "seguidor para seguidor" como uma forma de expressão, na maioria das vezes, artísticas e de resistência.

Para reconfigurar essas abordagens midiáticas sobre as variadas formas de abusos e violência contra o gênero feminino, os movimentos femininos dentro das redes sociais se fazem presentes. Entretanto, é válido ressaltar que apesar de toda representatividade, também há repressões e silenciamentos sejam eles explícitos ou não, que fazem parte deste meio social.

Lutar contra essas violências tem sido um trabalho árduo desde o início do movimento feminista. Por um lado, observa-se uma determinada quantidade de mulheres que trabalham no reconhecimento feminino dentro da internet, abarcando as características do ciberfeminismo. Por outro, há grupos que se manifestam contra o ativismo digital feminino, explanando discursos de ódio, que de acordo com Balbinott

(2018), é a expressão do patriarcado e do machismo, visto que os valores culturais estão associados às desigualdades, e a violência, por sua vez, instaura a ‘naturalidade’ das diferenças, com estereótipos e códigos de conduta entre homens e mulheres. Logo, o ciberfeminismo e seus participantes tem como intuito o combate ao caráter patriarcal fundador da violência contra mulheres no Brasil.

Nesse sentido, é possível relacionar o ciberfeminismo exposto por Dutra (2018) como um fenômeno capaz de ressignificar elementos do feminismo a partir das novas tecnologias e dos espaços ocupados pelas mulheres. Ao extrapolar as fronteiras utilizando as redes sociais, estabeleceu-se um grupo de mulheres que buscam a subversão feminina no processo de comunicar e resistir. Assim, o diálogo dos abusos e violências de gêneros compartilhados dentro do instagram é essencialmente necessário para rebater o caráter pejorativo voltado à mulher nas mídias, pois o mesmo Ciberfeminismo tem como principal característica a visão otimista entre mulheres e o ciberespaço, como espaço de valorização e emancipação feminina (Correia, 2020).

Neste cenário, é indispensável inserir e exaltar novamente as várias mulheres dentro destes espaços que quebram barreiras nos discursos hegemônicos que glorificam os homens. Ao adentrarmos no contexto da história da Internet, vislumbramos nos seus primórdios a figura de uma mulher. Hedy Lamarr⁴ inovou dentro do ambiente tecnológico, já que criou uma ferramenta tecnológica para o desenvolvimento de vários sistemas *wireless*.⁵ Sua inovação modificou o que conhecemos hoje como a Internet, ao atribuir uma maior praticidade a mesma.

Com sua potencialidade o ciberespaço ganhou esse movimento de repercussão que é observado atualmente. De modo que, essa abordagem também nos faz retornar ao protagonismo feminino dentro das “TDICs⁶” usadas frequentemente. Assim como, ressalta a importância da atuação das mulheres cientistas, cargo que antes era predominantemente masculino, na evolução desta tecnologia.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, dentro das evoluções tecnológicas e de movimentos, o ciberfeminismo é uma das várias direções que tendem a inserir as mulheres no mundo contemporâneo e nas suas atualizações. Desse modo, é importante

⁴ Conheça mais sobre a história de Hedy Lamarr em: <https://www3.unicentro.br/petfisica/2021/04/09/hedy-lamarr-a-mae-do-wi-fi-1914-2000/>

⁵ É uma tecnologia que permite a conexão sem cabos entre dispositivos diferentes. Por meio da rede sem fio, os dados são transmitidos entre os aparelhos, estando ou não imediatamente juntos fisicamente. Informação disponível em: <https://frahm.com.br/caixa-de-som-wireless-como-funciona/>

⁶ Tecnologias digitais da informação e comunicação

considerar que não se trata de uma evolução do movimento feminista e sim de sua extensão de possibilidades para interconectar mulheres através de novas formas de comunicação, pois:

A escrita-ciborgue tem a ver com o poder de sobreviver, não com base em uma inocência original, mas com base na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que as marcou como outras (Haraway, 1984, p. 86)

No entanto, “marcar o mundo que as marcou como outra” de acordo com Haraway intensifica a ideia de Beauvoir quando discorre sobre a mulher ser o outro do homem, e como isso consegue estruturar e medir determinados comportamentos que sejam condizentes com advém do Outro, tendo em vista que:

É o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que se qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (Beauvoir, 2009, p. 9).

Assim, no ciberespaço a situação é similar, visto que o molde ao qual as mulheres são inseridas são representações estereotipadas do “ser mulher”, caracterizando uma suposta receita do que é uma mulher atualmente. Essas discussões são fortalecidas dentro das páginas e/ou perfis criados nas redes sociais. No entanto, interessa-nos aqui utilizar apenas o Instagram como exemplo. Dito isto, o que se observa é que essas discussões acabam por influenciar seus consumidores na concepção sobre o corpo feminino.

O ciberfeminismo tem como ponto de atuação os vários meios tecnológicos que propagam suas reivindicações e também consegue questionar ideológica e politicamente, por meio das redes, o “ser mulher” contemporâneo. Dentro das postagens nas redes sociais, há o compartilhamento de diversos assuntos e nas páginas que representam uma movimentação feminina percebe-se que a resistência feminina não se limita ao contato presencial.

Apesar de compreendermos que “o corpo a corpo” é imprescindível. Principalmente, no contexto contemporâneo, já que há uma grande utilização das redes sociais, uma vez que essas ferramentas comunicativas, conseguem capturar diariamente seus consumidores. Por essa razão, devemos trazer o feminismo para as redes sociais. Para que cada vez mais essa representatividade esteja no cotidiano das mulheres e em suas lutas.

Para uma visibilidade palpável sobre a pauta, é viável evidenciar fatos corriqueiros que são propostos e postados dentro da rede social instagram pelos seus organizadores e atuantes das páginas. Dessa forma, são várias as páginas dentro do

instagram que podem ser acompanhadas por seguidores de acordo com seus interesses, como já ressaltado nos versos anteriores. Porém existem páginas/identidades virtuais que são mais ativas que outras e que fazem suas manifestações online frequentemente.

Portanto, nos próximos capítulos, teremos uma análise da página do instagram @planetaella, onde habitam mais de 456 mil seguidores e suas publicações são frequentemente atualizadas conforme as pautas feministas que vão surgindo diariamente. Até a escrita deste trabalho, o número de publicações desta página conta com 9.819. Isso significa que há uma identificação e uma responsabilidade direta de levar seus conteúdos e pautas para seus consumidores.

A comunidade virtual do @planetaella realiza postagens assiduamente sempre mostrando a realidade de mulheres ao redor do mundo, como também compartilha os movimentos que acontecem ao nosso redor. Essa característica informativa da página é extremamente necessária, principalmente para mulheres que possuem alguma restrição pessoal ou não têm acesso a esses espaços de movimentos e reivindicações, pois assim a publicação sobre determinado assunto consegue alcançar um número mais alto de mulheres/seguidores.

Por isso, essas publicações têm como objetivo a inclusão das dessas mulheres no processo de subversão. Esse movimento acontece de diferentes modos; por meio do apoio nos comentários e compartilhamentos, sem necessariamente precisar inserir-se fisicamente na luta, já que existem inúmeros empecilhos que algumas mulheres podem enfrentar;

Todas compartilham a noção de que ser mulher significa uma desvantagem em relação aos homens e que isso pode ser enfrentado por meio de lutas. Mas as reivindicações políticas resultantes variaram drasticamente ao longo do tempo e procedem sob muitos nomes diferentes (Delap, 2002. p. 11).

Com isso em perspectiva, entende-se que uma das pautas discutida na *timeline*⁷ da página é sobre o dia 08 de Março, dia internacional da mulher uma data em comemoração a todas as conquistas femininas e também uma data para rememorar a trajetória de lutas femininas desde o começo do movimento feminista. Assim, é também um espaço de reivindicações e conquistas nas redes frente a muitas pautas ainda presentes no cotidiano das mulheres. Por isso, abordar o 08 de Março é essencial para reavivar a expressão da luta e torná-las empoderadas;

⁷ É uma ordem de publicações feitas no instagram e em outras redes sociais, que ajuda o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos. A "linha do tempo" (timeline) aparece na página inicial na maioria dos sites e aplicativos de redes sociais. Disponível em: <https://www.significados.com.br/timeline/>. Acesso em 10 de Maio de 2024.

Seria estimular, em algum nível, a auto aceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (Berth, 2018, p. 14).

Se libertar unicamente para emancipar coletivamente. E a partir deste ato, ocorre uma colaboração contemplativa que conscientiza outras mulheres sobre as demasiadas violências. Este ato é uma maneira pedagógica e informativa para sociedade. Assim, é importante também frisar, que para reavivar memórias femininas a campanha acrescida do uso da *hashtags* “8M” é posta nos destaques da página e direciona para publicações e sites referentes ao movimento. Inclusive, em uma de suas publicações no *feed* da página o argumento se dá em torno de explicar como e onde começou as movimentações do 8M através de uma linha do tempo que expõe argumentos e acontecimentos históricos onde as mulheres participavam ao redor do mundo.

Esses movimentos foram organizados entre as datas desde 1908, 1909, 1910, 1911, 1975 e até a atualidade e que finaliza com o discurso “o 8M é, desde sempre, fruto da luta operária e dos movimentos políticos e sociais” mostrando ao consumidor uma parte da longa trajetória sobre a luta das mulheres e que não se trata de romantizar a data e sim demonstrar a força política que a mesma tem.

Figura 1: Publicação sobre o 8M



Fonte: Screenshot da autora (29 de junho, 2024)

Dentro dos comentários da publicação seus seguidores tecem alguns comentários construtivos a respeito do conteúdo fornecendo ideias de melhorias sobre a abordagem dos acontecimentos históricos importantes na luta das mulheres e visando uma contemplação maior da nossa história, a comunidade da página foi adepta as reivindicações e consegue incluir as reivindicações expostas, o que mostra mais uma vez sua coletividade não excludente.

É possível vislumbrar ainda nos destaques da página que no ano de 2024, os movimentos que abordaram o 8M ao redor do mundo foram mostrados pela página através de fotos e do uso da *hashtag*. A exemplo da movimentação do MST em Lagoa Santa – MG ao denunciarem terras improdutivas, no Rio de Janeiro e o levante feminista contra o feminicídio e vários outros movimentos em todos os espaços da terra onde é exposto pela página com intuito de mostrar a força do coletivo feminino na luta pelos nossos direitos e partilhando essas experiências com mulheres que estão em movimento ativo na rede.

Essa determinação, em partilhar da comunidade do @planetaella, é importantíssima para mulheres, já que mesmo que algumas mulheres não sejam incluídas nos movimentos fisicamente, as mesmas conseguem se expressar e também participar desses movimentos através de suas redes sociais. Então, as redes sociais, principalmente o instagram, que tem maior utilização entre jovens e adultos, são ferramentas necessárias e primordiais nos dias contemporâneos para os movimentos feministas nas redes, o ciberfeminismo.

Essa característica de explicar imagens acompanhadas de legendas, desta rede social e das páginas que nela se desenvolvem é um mecanismo eficiente nos movimentos ciberfeministas, tendo em vista que uma das características que chama atenção aos consumidores dessa plataforma, é o quanto a imagem lhe atrai e desperta o interesse sobre determinado assunto. Inclusive, é a partir dessa atração que o internauta procura por mais informações nas legendas abaixo das imagens ou até mesmo se debruça em mais informações sobre o perfil de quem o publicou.

Usando como exemplo a própria página do @planetaella é possível perceber que algumas das imagens publicadas em seu perfil falam por si só, muitas vezes nem precisando de legendas explicativas, essas mesmas imagens conseguem ter um alcance significativo entre os consumidores pois há uma diversidade de mulheres que consegue

ser representada sem ser julgada. Então, essas postagens também compartilham um afeto coletivo com vários grupos de mulheres estabelecendo conexões saudáveis entre elas.

O que leva também a quebrar barreiras de preconceitos a que mulheres LGBTQIAP+ são submetidas diariamente e, de certa forma, “sensibilizar” outros grupos.

Figura 2: Charge referente ao dia das mulheres



Fonte: Screenshot da autora (29 de junho, 2024)

Determinada charge publicada pela página consegue alcançar mulheres de grupos distintos, inseri-las na luta e de certa forma, conscientizando o respeito para com elas, dessa forma alguns comentários de seguidoras conseguem fazer a Meire da charge sentir-se acolhida pela página. Pois, a comunidade do @planetaella traz as mulheres negras e LGBTQIA+, e também de outros grupos femininos, a esse lugar de fala, não se restringindo a um feminismo ocidental excludente. A publicação a seguir sobre Marielle Franco demonstra um protagonismo das mulheres negras na luta do movimento feminista e a partir disso, o ciberfeminismo, expõe argumentos coerentes a modo explicativo de toda a trajetória de Marielle. De modo que, estima mais uma vez, incluir, rememorar e levar ao conhecimento de outras mulheres toda a história de Marielle, esta que foi brutalmente assassinada no dia 14 de Março de 2018.

Figura 3: Publicação sobre Marielle Franco



Fonte: Screenshot da autora (29 de junho, 2024)

Marielle Franco foi vítima de um crime político que ascendeu as luzes das ciberfeministas que disseminaram a *hashtag* nas redes *#quemmandoumatarmariellefranco* e que consta mais de 10,9 mil publicações. Sendo o Instagram a plataforma mais acessada atualmente, usar seus mecanismos para intensificar a luta das mulheres é notavelmente atrativo e eficaz aos olhos do ciberfeminismo.

Acompanhar frequentemente as redes sociais disponíveis ao uso da população, principalmente a rede social do Instagram que é uma das mais acessadas atualmente, se tornou um hábito entre a maioria. No entanto, vale salientar que filtrar os conteúdos consumidos é importante para não adentrar em *fake news*,⁸ pois as redes sociais são repletas delas.

Analisar as publicações das páginas, alcance, comentários e os conteúdos abordados são necessários para que os movimentos de luta das mulheres não negligencie a existência de outras mulheres, pois consumido conscientemente, tendo em vista que “o ciberfeminismo enquanto movimento social, consegue ressignificar elementos do feminismo a partir das novas tecnologias e dos espaços ocupados pelas mulheres” (Dutra 2018, p. 25).

⁸ Notícias falsas disseminadas nas redes sociais.

2.1 CIBERFEMINISMO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO PRESENTE NO INSTAGRAM

Ao se debruçar na análise da página do instagram do @planetaella é instigante o quanto a mesma nos propõem o fôlego para dissertar a seu respeito, pois traz em seus conteúdos debates atuais que acontecem ao redor do mundo das mulheres. A página atualiza seu numero de publicações diariamente o que podemos relacionar com as inúmeras dificuldades, violências e abusos que as mulheres enfrentam cotidianamente onde o numero desses fatos também tem aumento significativo.

Dessa forma, é impensável ir até a sua primeira publicação e analisar desde seu primórdio. As publicações mais recentes tomam conta deste discurso e são extremamente necessárias, já que habitar corpos de mulheres vem sendo um desafio no dia a dia. Podemos perceber tal fato nas publicações do @planetaella, que ressalta esses desafios com notícias corriqueiras no seu *feed*.

Apesar do vasto número de publicações no Instagram de @planetaella, este trabalho aborda com mais profundidade àquelas que estão relacionadas às violências e abusos de gênero. Dito isto, é válido ressaltar também que a publicação feita no dia 04 de julho, tem um destaque significativo na construção nas investigações aqui realizadas, uma vez que o impacto gerado na capa da postagem, reflete a frase “Nenhum de nós conhecerá um mundo com igualdade de gênero” publicada pela comunidade do @planetaella. Tal destaque, se mostra importante pois gera um impacto significativo nas mulheres que a acessam, em virtude da possibilidade, em meio a tantas lutas, de não conseguir alcançar objetivos primordiais na vida e sobrevivência da classe feminina

Dentro da mesma publicação ocorre a explicação do porquê esse conteúdo com essa frase atinge a existência das mulheres de maneira tão impactante. Segundo a comunidade do @planetaella, que se baseia nos relatórios de pesquisa do Fórum Econômico Mundial, a paridade entre os gêneros demora em torno de 134 anos para acontecer. Com isso, observa-se que a igualdade salarial no mundo do trabalho, a igualdade de oportunidades no mundo político, e o maior número de mulheres em cargos altos e de excelência, ainda estão longe de ser uma realidade para nós brasileiras.

Não obstante, os desafios impostos para as mulheres negras, indígenas, quilombolas, e para mulheres da população LGBTQIAP+ podem se mostrar duplamente maiores, além de outras inúmeras demandas que mostram que mesmo com a luta das mulheres sendo intensificada em todos os espaços, algumas conquistas referentes a

igualdade de gêneros ainda estão longe de acontecer. Assim, ao considerar os dados desta pesquisa, e todas as preocupações que nós mulheres enfrentamos corriqueiramente, infere-se que nesse ritmo de evolução tardia do Brasil, nossos descendentes provavelmente também precisarão enfrentar e continuar a luta.

Figura 4: Sobre a igualdade de gênero



Fonte: Screenshot da autora (09 de julho, 2024)

Nessa perspectiva, uma das pautas na qual essa morosidade reflete é a evolução tardia nas relações de gênero, isto é, as violências e abusos de gênero tanto em sua forma corporal, como virtual. Mulheres enfrentam desafios cada vez maiores e mais frequentes. Por isso, deparar-se com violências cometidas contra nós nos noticiários tem sido devastador. No entanto, devemos admitir que abordar essa pauta é também lutar para que ela entre em declínio dentro das reivindicações feministas, que têm sido de suma importância nas lutas e movimentações virtuais das ciberfeministas.

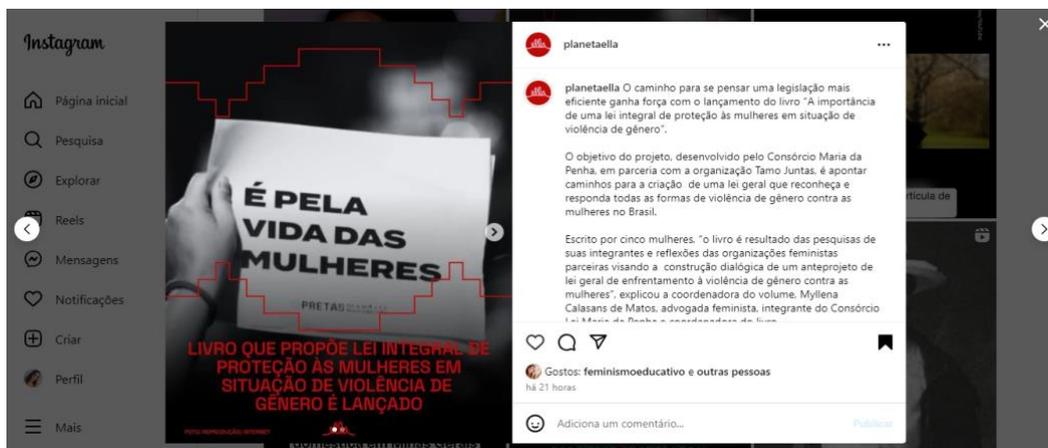
Neste cenário, é possível identificar a movimentação em torno das mulheres vítimas de violências e abusos de gênero a partir da seguinte publicação. O texto aborda o caminho para uma legislação mais eficiente para essas mulheres, cuja trajetória tem tido um avanço com o lançamento de um livro⁹ que reflete a realidade dessas mulheres.

Ademais, observa-se que essa publicação é sinônimo de coletividade, pois conta com a participação de outras organizações parceiras para o reconhecimento da lei, além

⁹ Livro: "A importância de uma lei integral de proteção às mulheres em situação de violência de gênero" publicado pela editora da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da USP. Foi desenvolvido pelo consórcio Lei Maria da Penha com parceria com a organização Tamo Juntas. O site do livro pode ser acessado em: <https://www.geledes.org.br/lancamento-do-livro-a-importancia-de-uma-lei-integral-de-protecao-as-mulheres-em-situacao-de-violencia-de-genero/?amp=1>

de o livro ser escrito por cinco pessoas empenhadas na causa¹⁰. Logo, é de extrema importância a disseminação do saber coletivo feminino que visa empoderar as mulheres, levando conhecimentos sobre os seus direitos.

Figura 5: Publicação sobre a lei da violência de gênero



Fonte: Screenshot da autora (09 de julho, 2024)

Além da publicação, é necessário reparar também nos comentários da mesma, nos quais as mulheres mães não se sentem incluídas nesse projeto, e tentam disseminar suas posições para que consigam reivindicar uma representatividade para as mulheres mães nesse livro. Este, por sinal, utiliza-se da importância da lei para combater os abusos e violências de gênero. Ressalta-se, que observar sempre os comentários das publicações é viável para que não só uma voz seja protagonista, mas sim, todas as outras mulheres que comentam nas publicações da página do @planetaella, uma vez que também são dignas de serem ouvidas, incluídas e se sentirem parte da trajetória de luta feminina.

O ciberfeminismo tem esse caráter de deixar aberto às publicações e discussões das páginas, para que a partir das críticas e elogios o movimento consiga ser ainda mais intenso e abarque ainda mais mulheres que se identificam e se sentem confortáveis em expor suas falas. Até mesmo as mulheres que apenas seguem, curtem e compartilham as publicações. A coletividade é além de forte, sempre mais impactante e acolhedor.

Assim, a página do @planetaella consegue conectar inúmeros discursos que fazem referência a conquistas, lutas, reivindicações, direitos e vivência das mulheres.

¹⁰ Fabiana Cristina Severi, José de Jesus Filho, Leila Linhares Barsted, Myllena Calasans de Matos e Wânia Pasinato

Além disso, esse projeto consegue trazer isso de forma coletiva, de uma maneira que muitas outras páginas no instagram não conseguem conectar e coletivizar. A ordem das publicações aqui escolhida faz juz a luta, conquista e conhecimento partilhados em cada parte do mundo de mulheres para mulheres. De modo que, estudar, pesquisar, e dissertar sobre as mulheres é uma tarefa essencial na vida de toda mulher.

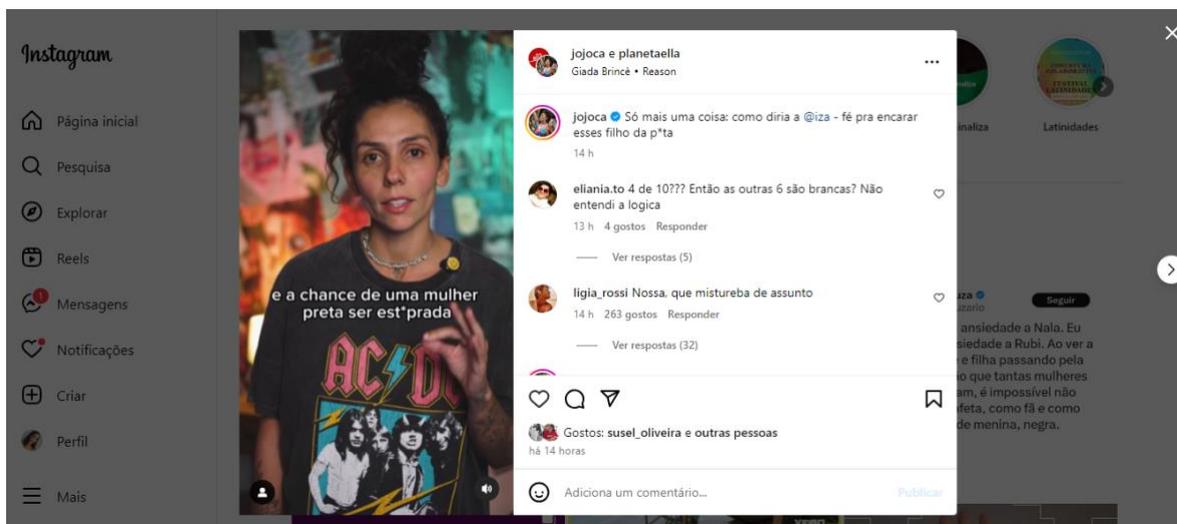
O @planetaella é uma ferramenta de empoderamento feminino, de resistência, luta e, principalmente, de ensinamento. Muitas mulheres ao redor do mundo não conseguem ter acesso a todos os seus direitos e essa ferramenta do instagram e as comunidades femininas que nela habitam conseguem deixar as mulheres consumidoras ativas sobre o que acontece no mundo. O ciberfeminismo tem essa virtude de além de lutar virtualmente pelas causa feminista, alcançar mulheres das mais variadas classes sempre abordo suas problematizações.

3. DEBATE SOBRE “RACISMO GENDERIZADO” NO INSTAGRAM

A seguinte publicação conta com um dos acontecimentos mais recentes onde a página do @planetaella se pronuncia abordando pontuações de outras mulheres parceiras da página e de certa forma explicando o que aconteceu com algumas mulheres. Prontamente ao assistir o vídeo nos deparamos com mais um abuso contra o gênero feminino, visto que o estupro se caracteriza como uma das formas mais abruptas da violência de gênero e de forma ainda mais fatal tirando a integridade de qualquer mulher exposta a esta situação.

Não podemos negar que muitas mulheres em toda a parte do mundo são cada vez mais vítimas de abusos e violências de gênero. Esses abusos geram consequências avassaladoras na vida dessas mulheres; sendo muitas das vezes, vítimas de feminicídio, estupros, agressões físicas e psicológicas. Todos os grupos de mulheres sejam elas racializadas, indígenas e até mesmo pela orientação sexual são vítimas desses abusos e violências de gêneros, mulheres de toda parte do mundo e de todos os grupos são alvos de vários ataques ao gênero feminino.

Figura 6: Vídeo sobre o caso da cantora Iza



Fonte: Screenshot da autora (12 de julho, 2024)

No vídeo publicado pela comunidade @planetaella e com o pronunciamento de Joana Brandão, mais conhecida como @Jojoca¹¹, há uma exposição dos abusos de gênero que acontecem com duas mulheres negras famosas, a Ingrid Santa Rita e a cantora Iza, que são conhecidas mundialmente. Dessa forma, percebe-se que @Jojoca¹²

¹¹ No decorrer da escrita deste fragmento, optamos por chamá-la só de @Jojoca.

¹² Feminista ativa na rede social instagram que debate em seu perfil social assuntos atuais da realidade das mulheres e seus direitos. Acesse para conhecer mais de seus posicionamentos: https://www.instagram.com/jojoca?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw

inicia seu pronunciamento abordando as estatísticas de casos de estupro no Brasil, onde indica que quatro a cada dez vítimas de estupro, são meninas e mulheres pretas. Com isso em perspectiva, @Jojoca deixa explícito que a chance de uma mulher negra ser estuprada é maior do que a de uma mulher branca no Brasil. No entanto, não podemos deixar de esclarecer, que apesar do crescente número de vítimas negras, não importa se as vítimas são mulheres racializadas, pois independentemente disso, as situações que ameaçam as vítimas são as mesmas.

Este pronunciamento de @Jojoca, além de problematizar algumas questões fundamentais sobre os acontecimentos da contemporaneidade, explicita a indignação sobre os casos. Outro ponto crucial desse discurso, é que ele serve para conscientizar alguns homens sobre os privilégios que são concedidos a eles apenas por ser homem.

Assim, no início da postagem, são expostos dois cortes de cenas que aconteceram recentemente com mulheres negras, como já mencionado anteriormente. Esses fatos são usados para argumentar em torno da situação. Dessa maneira, os dados mostram que 11,3% das vítimas de abuso, são mulheres racializadas. Como nos apresenta @Jojoca, corpos femininos negros progressivamente são mais invadidos.

O primeiro recorte do vídeo expõe a história de Ingrid Santa Rita, participante de um dos reality show intitulado “Casamento às cegas”, disponibilizado na plataforma Netflix. No programa, Ingrid relata que foi abusada sexualmente por um homem que também é participante do reality¹³. Diante desse panorama, é válido salientar que uma pesquisa publicada em 24 de novembro 2023 pela UFJF¹⁴ mostra uma comparação das violências cometidas contra mulheres brancas, sendo de 26,3% e com mulheres negras de 29,9%, o que totaliza 65,6% de 18 milhões de mulheres no Brasil.

No próximo recorte do vídeo, é apresentado o que aconteceu com a cantora Isabela Cristina, mais conhecida como Iza. A artista se manifestou em suas redes sociais sobre seu ex relacionamento, declarando que o fim do mesmo, foi devido a traição.

Com isso, ambos os cortes dos vídeos, são expostos para anunciar uma cultura onde é ensinado aos homens uma superioridade que existe conforme:

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de habitus diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de

¹³ Entenda mais sobre o caso em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/07/11/ingrid-do-casamento-as-cegas-diz-que-desmaiou-apos-ser-estuprada-pelo-marido-meu-corpo-colapsou.ghtml>

¹⁴ Acesse demais dados estatísticos de violência contra mulher em <https://www2.ufjf.br/noticias/2023/11/24/mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-em-casos-de-violencia/>

princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. (Bourdieu, 2010, p. 41)

No entanto, existe essa relação que diferencia a mulher e o homem, tendo em vista que há a ideia de que o homem que se relaciona com várias mulheres é “pegador”¹⁵ e quando os papéis se invertem, a mulher é nomeada de vulgar e de outros adjetivos depreciativos, o que acaba por incentivar essa suposta superioridade e dominação masculina.

No caso das mulheres pretas essa misoginia¹⁶ se torna ainda mais forte, pois elas estão permeadas não apenas do sexismo¹⁷, como as mulheres brancas, o racismo também se faz presente na luta delas. É uma luta permeada de racismo generizado, como nos diz Grada Kilomba, já que “a luta antirracista não é parte das preocupações das feministas ocidentais, principalmente porque suas precursoras brancas, não foram e não são confrontadas com violência racista, mas ‘somente’ com a opressão de gênero.” (Kilomba, 2019, p. 103).

Para elucidar o termo “racismo generizado”, Grada traz em seu livro “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano” uma cena real que retrata o que seria o termo. A cena consiste em uma consulta de uma jovem negra com um médico branco. Após a consulta, a jovem foi convidada para viajar com a família do médico e servi-los; cozinhar, limpar, entre outros afazeres domésticos. A partir disso, Grada consegue fazer comparações de cena caso os personagens fossem alterados e dessa forma é esmiuçado o termo “racismo generizado¹⁸” assim “o impacto simultâneo da opressão “racial” e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres *negras* e outras mulheres racializadas” (Kilomba, 2019, p. 99). Logo, o “racismo generizado” é evidenciado na “opressão racial sofrida por mulheres negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero”. (Kilomba, 2019, p. 99).

Dentro dessa cultura que ensina os homens a não respeitar, a violar o corpo da mulher, a ser sempre “mais” que as mulheres e a manterem seu ego sempre em nível elevado, as mulheres estão cada vez mais expostas aos abusos e violências de todas as

¹⁵ Homem que se envolve sem compromisso emocional com varias mulheres

¹⁶ Reflete o ódio ou aversão as mulheres

¹⁷ Preconceito e discriminação com gênero de uma pessoa

¹⁸ O termo refere-se a uma opressão que interconectar o racismo e o sexismo sobre os corpos das mulheres negras.

categorias e esse cenário ocorre principalmente com as mulheres racializadas, indígenas e todas as outras que não se encaixam nesse feminismo ocidental.

No vídeo onde @Jojoca relata essas fatalidades, foi possível observar duas mulheres pretas famosas, como a Iza e a Ingrid, que infelizmente passaram por uma situação abusiva. O que leva a compreensão de que mulheres pretas da periferia e de classes mais baixas estão muito mais expostas a violências de gênero e a sofrerem um racismo genderizado.

Por isso, evidenciar que mulheres racializadas são duplamente ameaçadas e invadidas nas situações de abusos de gênero é, entre muitas outras situações, um necessário para o ciberfeminismo atuar. Não se restringindo a uma determinada identidade feminina. Por essa razão, é primordial que dentro de um movimento feminista que visa integrar as mulheres aos seus direitos, esteja também traçado como meta a inclusão de todas elas;

Não podemos entender de modo mecânico o gênero e a opressão racial como paralelos porque ambos afetam e posicionam grupos de pessoas de forma diferente e, no caso das mulheres negras, eles se entrelaçam. (Kilomba, 2019, p. 100).

Os abusos e violências de gênero não começam só no ato da ameaça, começam também quando invadem nossos corpos sem a nossa permissão, começam quando não respeitam nossa fala. Dão início quando menos percebemos. Ser mulher e encarar a realidade das postagens e notícias que nos atingem diariamente de mulheres que são vítimas de abuso tem sido cada vez mais doloroso e, por isso, o ciberfeminismo dentro da rede social do instagram, é tão significativo na vida de toda mulher negra, indígena, cis e todas as mulheres que se sentem confortáveis com o movimento. De acordo com Correia (2020), uma das principais questões debatidas também pelo ciberfeminismo é sobre o corpo feminino e como ele é representado no ciberespaço. Então, não podemos deixar de dizer que no ciberfeminismo ainda existe um;

Acerto de contas que precisa ocorrer para que o feminismo represente todas as mulheres, as feministas devem questionar se extirpar uma ou outra ideia do corpus de uma heroína ainda permite que o resto se conserve (Zakaria, 2021, p. 69).

Logo, mesmo que o ciberfeminismo seja uma corrente que viabilize o meio digital para reivindicação das causas femininas ainda existe certa dificuldade em representatividade, pois muitas outras páginas abordam questões excludentes que diferem do sinônimo de coletividade feminina.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em nossa análise, é possível vislumbrar que o uso das redes sociais tem sido indispensável para a sociedade atual e também para as lutas sociais que se transportam do espaço físico para o virtual. O uso frenético do Instagram, fez emergir novas formas de manifestações e, por esse motivo, o mesmo deixou de ser uma rede social apenas de entretenimento, pois também tornou-se uma rede de trabalho, apoio, coletividade e compartilhamento feminino.

A pauta para trabalhar com mulheres no Instagram é aguçada pela disseminação frequente de conteúdos que envolvem corpos femininos, visto que toda e qualquer notícia associada à mulher é compartilhada em várias instâncias desta rede. Inserir e falar sobre as vozes e identidades femininas dentro deste meio digital é tentar reverter e enfrentar um padrão misógino que seria designado para as mulheres por meio desse espaço social que a internet representa, além de utilizar a mulher com intuito de avanço nos movimentos feministas.

Desse modo, contribuir com esta pesquisa consiste em inserir as histórias de muitas mulheres, contadas a partir de mulheres, a um mundo totalmente imerso no digital. Além disso, entende-se que se a maioria da população consegue ter acesso diretamente ao Instagram, é possível usar a plataforma como forma de expansão do conhecimento sobre a história e direito das mulheres. Utilizá-la na perspectiva da luta das mulheres, é também potencializar as lutas feministas e possibilitar a acessibilidade sobre conteúdos de cunho feminista, que são administrados de forma mais didática e descomplicada para o entendimento da população, e principalmente, das mulheres.

A análise do ciberfeminismo na rede social Instagram foi essencial nesta caminhada, pois com ela, foi possível observar que as relações femininas também são formadas a partir de um meio digital que é utilizado rotineiramente pela população. Ademais, é possível compreender que o ciberfeminismo reconhece as identidades femininas e posicionam as mesmas sobre seus corpos, vozes e pautas, ou seja, o ciberfeminismo é responsável pela pluralização das identidades e consegue potencializar a luta das mulheres através da informação, facilidade de acesso e participação acessível para as mulheres nos movimentos feministas.

O ciberfeminismo tem uma potência significativa na vida das mulheres que acessam as plataformas digitais atualmente. A ação coletiva das ciberfeministas conseguem por meio da plataforma do Instagram, acolher, ressignificar, ensinar e lutar pela vida das mulheres. Em vista disso, analisar a atuação das mesmas através da página

do @planetaella contribuiu para a compreensão de que mesmo com os malefícios associados ao uso excessivo da internet, também existem causas benéficas que vão desde o entrelaçamento de mulheres, até a inserção e disseminação das lutas nas redes, incentivando e levando à conhecimento informações diárias, além de questionar ideias de uma sociedade dita “tradicional”.

A partir da violência de gênero e do racismo generalizado, é necessário destacar o quanto este fato, exibe aspectos ameaçadores para a saúde física e mental das mulheres, principalmente dentro das redes virtuais, que tem um nível de disseminação acelerado, no qual qualquer conteúdo chega rapidamente a outros públicos. Esses aspectos afetam em muitas camadas a existência feminina, dado que não basta a opressão e os abusos de gêneros que essas mulheres enfrentam, há também o racismo estrutural que as perpassam. Dito de outra forma, elas são duplamente negligenciadas pela sua cor, orientação sexual, etnia e por qualquer que seja sua escolha de grupo social feminino, o que acaba se evidenciando em discursos que se fundam em um feminismo ocidental.

Relacionar esses pontos se torna essencial no movimento ciberfeminista, em contraponto a uma ampla via de desinformação em que a mídia está inserida. É primordial filtrar as informações passadas no contexto digital. Por essa razão, o movimento ciberfeminista e suas atuantes, como o @planetaella, dispõem de páginas que disponibilizam e compartilham conteúdos de referência sobre a luta de todas as mulheres, sempre atualizando seu público com as notícias atuais, além de contemplar o processo histórico de luta.

Decerto, trabalhar com redes sociais, significa também se expor aos conflitos que as mesmas proporcionam. Quando se trata de uma plataforma múltipla em conteúdo, é importante focar em como a página se posiciona, e o quanto seu conteúdo consegue trazer uma representatividade feminina para todas. Por isso, a escolha da página do @planetaella foi tão especial, pois mesmo dentro de uma grande plataforma, como o instagram, ela consegue ter um vasto número de seguidores, e interações nas suas publicações.

A página onde elas disseminam conhecimento acerca da história das mulheres, além de estar ativa diariamente, se mostra atenta à todas as notícias do mundo das mulheres, em função disso a conduta do @planetaella consegue ser revigorante e significativa para todas as mulheres. Reconhecer e se deparar com as dificuldades de

dissertar sobre o Instagram, foi um caminho necessário para que a temática não fosse uma negligenciada.

Portanto, utilizar uma plataforma social digital para potencializar identidades femininas, consiste em abrir um caminho de utilização dos meios tecnológicos também em âmbito educacional e político. Dessa forma o objetivo que se concretiza consiste em analisar a atuação das mulheres na plataforma Instagram para que o uso das redes ciberfeministas seja também ponto de partida de estudos históricos sobre mulheres. Além de institucionaliza-las e intensifica-las como uma ferramenta para a compreensão de todo o período histórico das mulheres desde o primeiro movimento feminista.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Jaqueline Gonçalves. **Feminismo digital em blogueiras feministas (2010-2015)**. Orientadora: Cristiane Pereira Dias. 2016. 133f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas SP, 2016.
- BALBINOTTI, Izabele. **A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo**. Revista da ESMESC, v.25, n.31, p. 239-264, agosto, 2018. Disponível em: <https://esmesc.emnuvens.com.br/re/article/view/191>.
- BALESTERO, Gabriela Soares. GOMES, Renata Nascimento. **Violência de gênero: uma análise crítica da dominação masculina**. Revista CEJ, Brasília, Ano XIX, n. 66, p. 44-49, Maio, 2015.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: Tradução: Sérgio Milliet. Sérgio Milliet. Rio de, 2009.
- BERTH, Joice. **O que e empoderamento?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BIANCHI, Graziela. WOITOWICZ, Karina Janz. ROCHA, Paula Melani (Org). **Gênero, mídia e Lutas Sociais: Percepções críticas e experiências emancipatórias**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-Estar Subj., Fortaleza, v.7, n. 2, p. 451-478, setembro, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2.ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 16º edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CORREIA, Andyara Leticia de Sales. **Cibertecnologia, ciberfeminismo e tecnofeminismo: um novo olhar sobre a filosofia da tecnologia**. Controvérsia, São Leopoldo, v. 16, n. 2, p. 3-14, maio-ago. 2020.
- DAMITZ, Caroline Vasconcelos. FARIA, Josiane Petry. **A rede social como instrumento de empoderamento feminino**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 5, p. 32715-32724, Maio, 2020.
- DELAP, Lucy. **Feminismos: Uma história global**. Tradução de Isa Mara Lando e Laura Teixeira Motta. 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. **A primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas**. Rev. Feminismos, Vol.6, N.2, p. 19-31, mai. - ago. 2018.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HARAWAY, D.J. (2009) **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do sec XX** in: TADEU, T (org) Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** Episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 1ª Edição 1999. São Paulo: Editora 34 Ltda, [s.d.].

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** uma debate contemporâneo na educação. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NEVES, Siloé Pereira. **Homem-mulher e medo: metáforas da relação homem-mulher.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

PERTICARATTI, Renata Nazaré Machado tarrio. **Algoritmo, cotidiano e shadowban:** #oexperimento como estratégia de resistência ao robô do Instagram. VIII seminário internacional de pesquisas em mídia e cotidiano, p. 52-61. Disponível em: http://designnaleitura.net.br/8sipmc/files/gt1_004_18108.pdf. Acesso em: 08/04/2024.

ROMEIRO, Nathália Lima. PIMENTA, Ricardo Medeiros. **Mídias sociais, violência contra mulheres e informação: prospecção do campo à luz das humanidades digitais.** Em questão, Porto Alegre, V. 27, n. 4, p. 107-136, Dezembro 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan W. **Os usos e abusos do gênero.** Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, Dezembro, 2012.

SILVA, Camila Briato da. KETTERMANN, Beatriz John. CERETA, Sabrina. NIELSSON, Joice Graciele. **Violência de Gênero e Mídia Digital: Uma Complexa e Conturbada Relação.** Salão do conhecimento: Ciência alimentando o Brasil. UNIJUÍ, p. 01-07, Setembro, 2016.

ZAKARIA, Rafia. **Contra o feminismo branco.** 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda, 2021.